



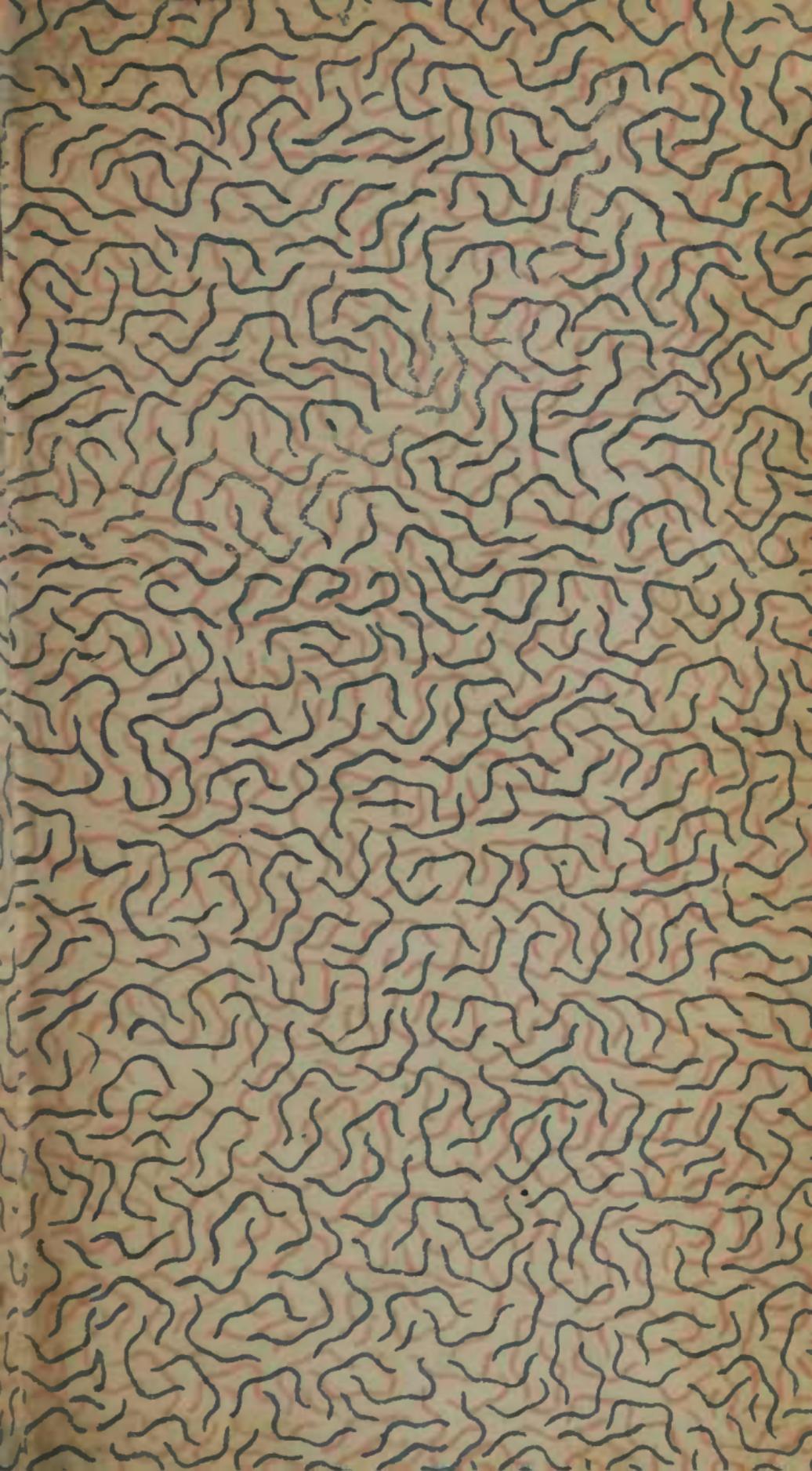
EX-LIBRIS



RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

ALSP

W.





## ERRATA

*Em vez de*

*Leia-se*

Vibram ao vento . . . . .	Vibram do vento
sportman . . . . .	sportsman
de Setestrello . . . . .	do Setestrello
os torreões . . . . .	torreões
Sem que lhes valha . . . . .	Sem que lhes valham
sendo orgulho . . . . .	sendo o orgulho
De pescador . . . . .	Do pescador
do dynamite . . . . .	da dynamite
seccura . . . . .	secure
Diz que a sede . . . . .	Dize que a sede má do sangue te consome
um arcabouço . . . . .	o arcabouço
Musa de soes . . . . .	Mundo de soes
entre arvores . . . . .	entre as arvores



namente, como lembrança  
da sua viagem aos  
uazmas e pela satisfação  
que me deu de ab-  
ser um dos maiores  
talentos da minha  
terra e do Brasil  
contemporaneo.

Mauá 26/6/32

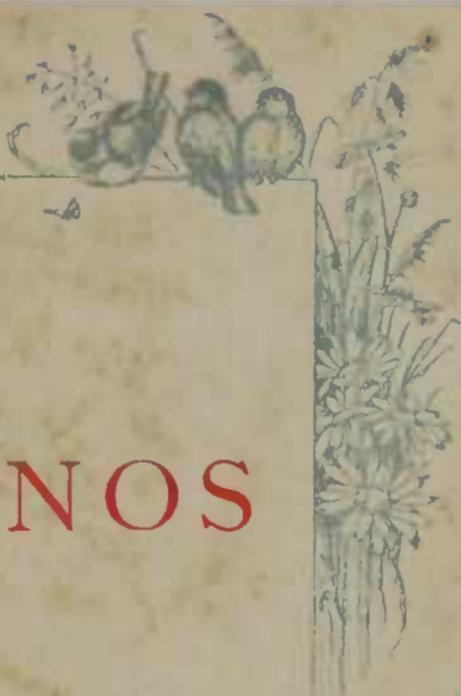
Yonas da Silva

UHLANOS





JONAS DA SILVA



# UHLANOS

VERSOS

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA LEUZINGER

MCMII



DO MESMO AUTOR:

**1900 — AMPHORAS**

**1901 — UHLANOS**

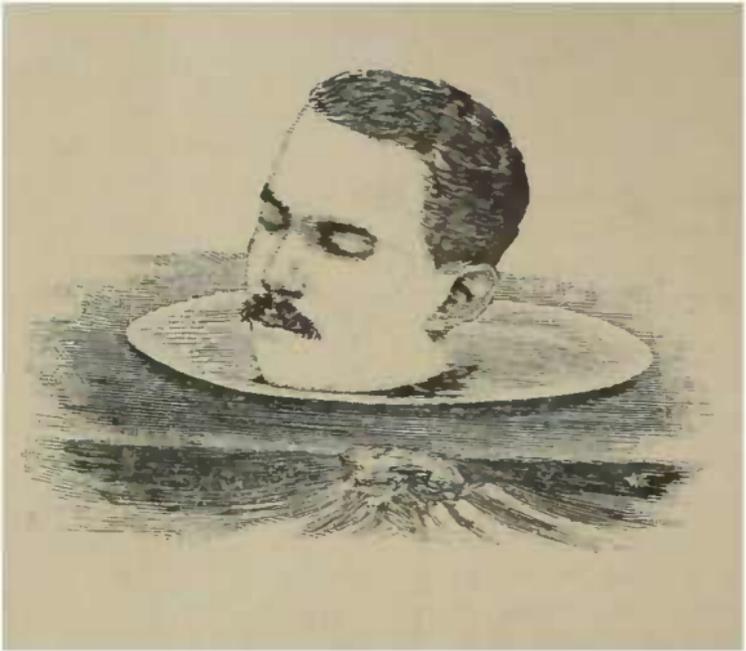
BYZANTINOS

MAZURKAS

VOZES DO NADA

EVANGELHO DE UM MAU





O' Salomé das flores e alvoradas  
Por quem sorrindo entrego-me ao cilicio,  
Trago-te hoje a cabeça em sacrificio  
D'este S. João de trovas e balladas.

Tu, que longe dos paramos do Vicio  
Fulges do Sol nas rutilas estradas,  
Abre do riso as petalas rosadas  
E darei por bem pago o meu supplicio.

Triste de mim se apresentando a salva  
Dos teus olhos á dupla estrella d'Alva  
Pareça a offerta miseranda e louca...

Do desgraçado era a loucura tanta  
Que ainda a espada cortando-lhe a garganta  
Teu nome em festas lhe cantava á bocca.







## NEVROSE

Onde esse Atlante que o poder supremo  
Tenha, capaz de suspender nos braços  
Da Forma a esfera rutila aos espaços?  
Eu vejo o aspecto d'essa esfera e tremo.

Da Arte sulcando o lago extremo a extremo  
A temerosa rede dos sargaços  
Estende ao barco os invisíveis laços  
Prendendo a quilha e embaraçando o remo.

Onde o buril para gravar no Verso  
O coração em dúvidas imerso  
E as agonias asperas e roucas?

Quem faz do Poema um rio azul e ufano  
No grande mar do sentimento humano  
Desembocando por milhões de bocas?

TINTA VERMELHA

Tinta febril de irradiações vermelhas  
Para pintar de um astro a trajetoria  
E as deslumbrantes paginas da Historia  
E o ferro em braza a espadanar centelhas.

Rubra, mas d'esse rubro cor de telhas,  
D'esse rubro do Fogo e da Victoria,  
Essa tinta infernal traz-me á memoria  
O deus Satan de chifres nas orelhas.

Vinho acre, onde o pincel do paysagista  
Bebe e bebedo vae na mão do Artista  
Pelas scenas do mundo extraordinario...

Carne em que a penna faz de espada. Tinta  
Do sangue real do Christo morto aos trinta  
E tres annos de idade no Calvario!

VIAGEM AO SOL

Para as terras do Azul, a monarchia  
De oiro, onde o Sol é o esplendido monarcha,  
A phantasia rutila se embarca  
Do mar ouvindo a estranha symphonia.

Canta o vento as dolencias de um Petrarcha  
E á proa ás vezes rapido assobia ;  
Vou ver o berço e o tumulto do Dia,  
Só, tripolando esta pequena barca...

E o Sol se apaga sem que eu mais o veja  
E espero em vão que no outro dia manche  
O céo que a noite funebre negreja...

—Sol da Gloria, achar-te-hei na minha insania?  
Ha na treva o rolar de uma avalanche  
E eu nem descubro as lagrimas da Urania!

ARTISTA



Em sorrisos as lagrimas transmuda  
E, palmilhando a estrada do Destino,  
Segue, cantando, heroico paladino,  
Leva esta espada scintillante e aguda.

Jamais na terra te fascine e illuda  
A gloria vã do brilho adamantino,  
Despresa o insulto, a injuria, o desatino  
Com a magestade e a placidez de um Buddha.

Soffras da carne o barbaro cilicio  
Foge das trevas do peccado e Vicio,  
Foge do mundo — o pantano medonho!

Da Fé conquista a esplendorosa Troia!  
Deslumbra-te ao fulgor da claraboia  
Das imponentes cathedraes do Sonho !...

VOLTA

Alegrias nas arvores á vinda  
Do que andou longo tempo desterrado :  
Rosas tinindo os calices no prado,  
O beija-flor minha passagem brinda.

Mais do que foste, mais formosa e linda  
Me appareces, visão do meu passado,  
E eu, miseranda victima do fado,  
Eu, do que fui, sou mais tristonho ainda.

Porem chegando á antiga fortaleza  
Vejo-a tomada e do inimigo presa...  
Oh! praça outr'ora a versos conquistada!

Urge, é mister de novo outra partida...  
Mando-te agora a eterna despedida,  
O adeus do mouro aos muros de Granada.



BRONZE ETERNO

É em vão que ao Sol e no esplendor da praça  
Ergueis o petreo ou o bronzeo monumento:  
Os granitos e os marmores o vento  
Deita por terra, o tempo os despedaça.

Um colosso de pedra e de argamassa  
Que ergueu no Egypto um Pharaó portento  
Não vale um vulto preso ao pensamento,  
Ao coração de um povõ e de uma raça.

Um pedestal não ha que corresponda  
Ao peito humano. Zomba dos coriscos,  
Vence em poder o mar azul que estronda.

Olhae a Dor, a estatua real de assombros:  
Mais antiga que os velhos obeliscos,  
Mil gerações vêm conduzindo-a aos hombros.

SOL

Iluminando os pincaros e arestas  
O Sol buzina a luminosa trompa,  
A ave da terra o cantico interrompa,  
Que a ave do azul vem pelo azul em festas.

Sol, faze tu que na minh'alma irrompa  
A grande luz que á natureza emprestas,  
Essa luz, que, no harmonium das florestas,  
Reza orações de cathedraes em pompa.

Terror eterno da neblina fria,  
Faze que os risos meus pezares vençam,  
Cante em meu peito a múrmura Alegria.

Que eu veja a sombra das angustias longe,  
Invoco a tua immaculada benção,  
Monge do espaço, immaculado monge.





## POETAS MORTOS

Para os que vão na rutila phalange  
Da Arte, cingindo o luminoso escudo,  
A Gloria estende os braços de velludo  
Emquanto a Morte em furia vibra o alfange.

A Alma em requinte no crisol do estudo  
Ri-se da inveja ao pavoroso Bange;  
É um crystal fulgentissimo que plange  
Do Bello ao aspecto gigantesco e mudo.

E á noite quando nas regiões aereas  
As estrellas em loira estudantina  
Vão pelo Azul bandolinando em ferias,

A Alma do Poeta, que em desejo anceia,  
Sobe do luar na luz maviosa e fina  
Para os labios em flor da Lua Cheia.

FAKIR

A vontade, o querer, a força volitiva,  
Concentrando o fakir no olhar intenso e arguto  
Torna brando o chacal e o tigre horrendo e bruto  
Qual um tigre e um chacal da selva primitiva.

Da serpente cruel os movimentos priva  
E lançando a semente á terra, num minuto  
Nasce a planta, se eleva e a floração e o fructo  
Apparecem do Sol á caricia festiva...

Podesse eu aplacar, fakir allucinado,  
D'este mundo no immenso e rubro fervedouro  
O chacal da Descrença e o tigre do Peccado.

Ah! podesse eu por tempo eterno e duradouro  
Fazer surgir á luz nos gelos do passado  
Das mortas illusões as sementeiras d'ouro.



VIDA

A Vida que será? — A covardia e a audacia,  
O infante e a cascavel, o rouxinol e o sapo,  
Uns em plena nudez, a vestimenta em trapo,  
Outros tendo no corpo a purpura de Thracia;

Um filho estrangulado, hirto, a face violacea,  
A ave de amor ao filho espedaçando o papo,  
Um aos céos a pedir seja da Morte escapo,  
Outro a morte a implorar, a mancenilha e a acacia.

Vida! Escuna galharda, ora num mar de rosas  
A jogar e a tremer e a mergulhar as bordas,  
Ora calma a correr nas ondas procellosas.

Quando o sopro de Deus desce em furia dos astros  
Rompe a vela... inda fica um farrapo nas cordas  
— A Saudade do mundo a palpitar nos mastros!...

HYSTERICA

Na grande arena de teu corpo em lava  
Andam na lucta estúpida e proterva  
Alma que o aroma candido reserva,  
Carne que freme na luxúria brava.

Vem do pccado a esplendida caterva  
Em prol do sangue suspendendo a clava...  
Alma, estertoras para sempre escrava,  
A carne o sceptro agora emfim conserva.

E então, Mulher, ficas nervosa e douda  
Desde a cabeça ao calcanhar, ao artelho,  
Vibrando o corpo e te estorcendo toda...

Sobre os castellos dos teus seios erra  
Do sangue o grande pavilhão vermelho  
A bandeira da frigida Inglaterra!...

LUOTAS

Bate o mar em revólta contra a praia  
E a rigidez do asperrimo granito;  
Blasphema tudo para o Céu num grito  
E Deus ri-se na concava atalaia.

Elevando-se em furia de Himalaia  
Ergue-se um monte para o azul bemdito,  
E a maldição que tomba do infinito  
Crava-lhe ao dorso o pinheiral e a faixa.

Nessa lucta em que todos se consomem,  
Lucta que as forças aquebranta e enerva  
O rebellado mais cruel é o homem.

Da morte atroz nas convulsões, no espasmo,  
Inda no olhar o olhar feroz conserva,  
Conserva á bocca o riso do sarcasmo.

AMOR DE MYSTICISMO

Alta, no aprumo e na altivez de um freixo  
De cuja altura sintá-se vertigem ;  
Senhora, sois do meu Amor a origem,  
Mal de que tanto me lastimo e queixo.

A vossa falla idolatrada é um trecho  
De opera. Do meu Sonho entre a caligem  
Sois a deusa para onde se dirigem  
O incenso e o nardo que em meus versos deixo.

O vosso olhar de duvida e carinho  
E' a escada de Jacob de seda e arminho...  
Subir ao Céu minh'alma ás vezes cuida.

Amparae minha queda sobre o abysmo  
E vede neste Amor de mysticismo  
A adoração espiritual de um Druida.



QUERULO



Se d'essa voz os doces balbucios  
Ouço-te á bocca em borbórinho vago,  
Sinto uma angustia, ó bemtevi do lago,  
Sinto no olhar as lagrimas em fios.

E' a Saudade de alguém que eternos frios  
Levaram para a Estrada de S. Thiago,  
De alguém que n'alma inda em delirios trago,  
Que faz meu pranto rebentar em rios.

E por teu canto flébil me apaixono  
Como quem vive só, sem um carinho,  
Buscando as magoas afogar no Somuo.

Cala-te só quando eu tiver morrido...  
Canta! o teu canto é um calicc de vinho,  
Vinho de som que me cmbcbeda o ouvido.

MADRIGAL

*(Num album)*

Neste vergel de rosas e açucenas  
Onde o lírio floresce e o malvaisco  
Hei de soltar um passarinho arisco,  
Doce canario de amarellas pennas.

Pelas tardes nostálgicas, morenas,  
Quando as ovelhas vão buscando o aprisco  
E, o Sol mergulha o luminoso disco,  
Da ave ouvireis, Senhora, as cantilenas.

Eil-o prompto a galgar céos e declives!  
E num requinte e num fervor de ourives  
O oiro nas azas pálpitas lhe applico.

Inda uma vez o aperto contra o seio...  
Falta-lhe agora o tremulo gorgéio:  
Leva este nome de mulher no bico!

VISITA

Hontem, quando em delirio e apaixonado  
Tomei-te as mãos num gesto ameno e brando  
Perguntaste a chorar onde é que eu ando  
Que é raro o instante em que me tens ao lado?

Talvez outra mereça o teu cuidado,  
Toda tarde, disseste, o loiro Armando  
Vem ver Esther que elle idolatra e quauda  
Te mostraste por mim tão namorado?

E coração que entre martyrios ardes,  
Vendo-lhe os ares de arrufada corça  
Te ficaste a tremer como os cobardes...

A fraqueza á bravura preferiste,  
Que é bravura no amor, deixando a força,  
Curvar a fronte onde a fraqueza existe.

ANNIVERSARIO

Da sociedade a fina flor, a «élite»,  
Hoje por certo ha de enflorar-te a casa,  
Mas eu que te amo e tenho o peito em braza  
Talvez pisar nos teus salões evite.

Muita gente talvez te felicite  
Emquanto o vinho purpuro extravasa,  
Febri! a valsa ha de levar-te na aza...  
Ai de mim se accitasse o teu convite.

Para a grandeza e elevação dos astros  
As aguias voam quasi que de rastros,  
Sente-se o forte aniquilado e inerm.

Eu, que faria em teus salões doirados?  
— Feliz, sahiria como os desgraçados,  
— Homem, sahiria transformado em verme!

MYSTICO

Um recato de monja e de noviça  
Nos seus olhos notivagos, castanhos,  
— Dois lampadarios tremulos e estranhos  
Accesos para a prece e para a missa.

Nem violencia, nem magoa, nem cobiça  
No gesto. Lembra em limpidos rebanhos  
Willis por noites de um luar de estanhos  
Num lago floreo nos cantões da Suissa.

Meu desejo, meu rutilo capricho:  
Vel-a atravez de fulgida redoma,  
Vel-a nimbada a me sorrir de um nicho.

Nella a doçura, a divindade é tanta...  
Tiro-lhe á frente a enlourecida côma,  
Ponho-lhe á frente um resplendor de Santa!

NO PALCO

De risonho perfil e de ondulados traços  
Entra em scena a sorrir nuns infernaes meneios;  
Traz ao collo a tremer os passaros dos seios  
E nos hombros, desnudo, o marmore dos braços.

Ha da orchestra febril nos lubricos compassos  
Desesperos de amor, incendiarios gorgeios;  
Em choréas requebra o corpo em bamboleios...  
Parece abrir-se o chão aos seus lascivos passos...

Se assemelha o recinto a uma sombria tasca  
Onde reina do applauso a rispida borrasca...  
—Mil Sultões tendo em frente uma escrava da Armenia!

A loucura, o furor de subito redobra  
Vendo-a loura, de pé, — uma esquisita cobra,  
Febril, espiralando em contorsões de tenia!...

CHOBANDO E RINDO

Ri-se: vejo uma escadaria d'ouro  
E a saphira elevar-se deslumbrante  
E subo ouvindo o tremulo descante  
De estranhas vozes soluçando em côro.

Nas explosões da colera vibrante,  
Quando lhe escuto as maldições e o choro,  
Desço às ondas de um negro fervedouro,  
Vejo um phantasma horrífico de Dante.

Rindo: soluçam gemedoras harpas  
Que fazem, flebeis, que minh'alma suba  
Do céu galgando as rutilas escarpas...

Chorando, entregue do pezar á insania:  
A loura côma faz lembrar a juba  
Dourada e crespa de um leão da Hyrcania!

SANTA E PAGÃ

Loira santa immortal de catecismo,  
Bandolim em febril bandolinata,  
Recordas-me os thuribulos de prata  
E as imagens do velho paganismo.

Ouço o cantar dos passaros na mata,  
Essa Thebaida múrmura em que scismo  
E dos teus olhos preso ao feudalismo  
Do Amor cultivo a sementeira ingrata.

Eu o teu vulto idolatrado busco  
Como a andorinha á tarde, ao lusco-fusco,  
Procura a torre da pequena ermida.

Depois troveje e trovejar deixai-o!  
Guarda á andorinha o somno o pararaio,  
Essa na torre sentinella erguida.



VERSOS AO MAR

I

Mar, verde mar, que em convulsões te arqueias,  
Em delirios e maguas e sonatas  
E sobre o dorso alvo lençol desatas  
Para os prantos de amor das Luas Cheias;

Mar que em teus fólhos íntimos recatas  
Conchas, coraes, alvissimas sereias,  
E soluças nas lípidas areias  
Em gemidos de múrmuras cascatas;

Mar das algas, das perolas mais finas,  
Corcel que agita com furor as crinas  
Em demanda do azul e dos espaços;

Ante o teu vulto magestoso e ufano  
A Dor concentro; ante o pezar do oceano  
Soffro, cruzando tremulos os braços!...

II

Celebrante da Paz e da Concordia  
Vens vestido de fulgidas alfaias  
E por mais que em ti mesmo te retraias  
Em ti só vejo as luctas e a discordia.

Pescadores á noite nas catraias  
Chorando imploram-te a misericordia!  
Essa impiedade a pobre mãe recorde-a  
Ao ver os filhos mortos pelas praias.

És como os Monjes que prégando a Calma,  
A Paz, o Amor, a Fé e a Caridade  
Sentem ás vezes terremotos n'alma.

Teu coração que em raivas iracundas  
Soluça e geme como os homens, ha de  
Ter como os homens Duvidas profundas.

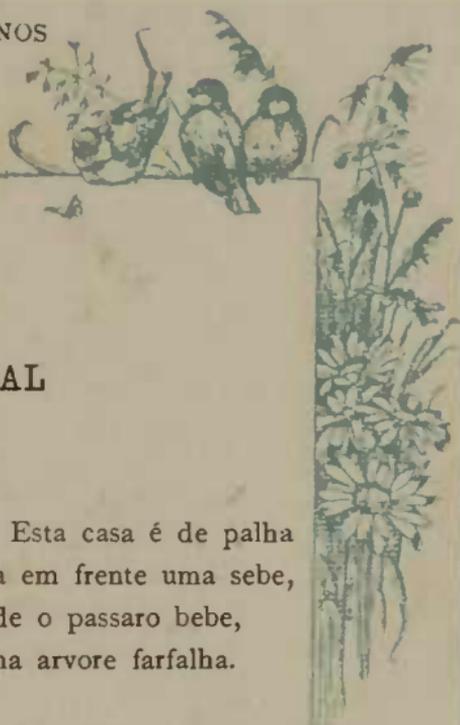
III

No pensamento, o altivo submarino,  
Vou descer aos palacios de Amphitrite,  
— Lenda que, ó Mar! eu tanta vez ouvi-te  
Contar ha tempos, inda em pequenino.

Talvez ache o lugar em que palpito  
Teu coração. Eu quero ver se atino  
Onde estão as sereias e onde o sino  
Das ondas bimbalhando sem limite...

E o pensamento a vaga azul biparte  
Rindo á baleia e á furia do espadarte  
E encontra... o casco de um navio á véla.

— O Amor busquei da Vida pelos mares  
Tambem, vendo a baleia dos pezares  
É a Dor, a nau perdida na procella.



RURAL

Eis-me em sonhos pastor. Esta casa é de palha  
Porta e janella ao Sol, fica em frente uma sebe,  
É lá embaixo o regato onde o passaro bebe,  
Ampla e verde no azul uma arvore farfalha.

A fumaça do pó da cruenta batalha  
Que trava na cidade em lufalufa a plebe  
Morre longe d'aqui. Preso a um sorriso de Hebe  
Adormeço do luar ao oiro fino em limalha.

Vae commigo, se levo a pastar as ovelhas,  
Quando a alvorada rompe em risadas vermelhas,  
Alguem que traz no olhar a alegria das uvas.

Não me lembro que exista a desgraça na terra ;  
Nunca em vida chorei ; só me lembro da guerra  
Quando escuto na palha os tambores das chuvas.

VERÃO

Quando o rubro verão d'aqui se apossa  
E prende a terra em cingulos de braza  
Nós deixamos o ninho d'esta casa  
Por outro ninho mais alegre — a choça.

Eil-os — no campo os passaros em troça!  
Outra cousa não sei que me compraça  
Como o fremir da musica de uma aza  
N'estas manhãs bucolicas, na roça.

Descem rios de sol pelos outeiros...  
Canta o verde operetas na espessura,  
É domingo sem fim para os colleiros.

Cae a tarde depois sobre a ravina,  
A noite de nankim desce da altura  
E aponta o luar de vermelhão da China.

NA ALDEIA

N'esta vida de aldeia todo o chiste  
É sahir quando o Sol abre em papoulas  
Os jardins do Levante e acorda as rôlas  
Na mata umbrosa, taciturna e triste.

Põe um chapéo, o teu chapéo «touriste»,  
As luvas... não é necessario pol-as,  
Gentes tão simples que parecem tolas  
Verás no campo como nunca viste.

Sigamos sempre do caminho a trilha,  
Que a relva, o orvalho em lucida escumilha  
Borda a capricho de humidos recamos...

Para abrigar-te morbida e alquebrada  
Do sol, as grandes arvores da estrada  
Abrem na altura o parasol dos ramos.

PASTORIL

Qual o grito estridente da moenda  
Ouço ao carro de bois a dura queixa;  
E a terra sulca e pela terra deixa  
Immensa trilha, interminavel senda.

No pesado vehiculo se enfeixa  
A canna, o milho em busca da fazenda;  
Arde o sol, a canicula tremenda,  
Distende o sol a rutila madeixa.

A alma do prado e campo das lavouras  
Canta nos eixos. Talvez cante o vento,  
Talvez soluçem as espigas louras...

Vendo-o, comparo-o ao coração que chora,  
— Velho carro de bois, triste, em lamento,  
Pelos barrancos da existencia em fóra...





SIC TRANSIT...

Terás na infancia de sorriso e brinco,  
Em resedás e pampanos florida,  
Oiro á cabeça e a lagrima vertida  
Sem ver-se á face o doloroso vinco.

Tempos depois, na apuração dos cinco  
Sentidos loucos, na enganosa Vida,  
Verás de bronze a fronte revestida  
Á luz do Sol a trabalhar com afino.

Quando sentires recurvado o porte  
E ouvires d'entre a cerração espessa  
O farfalhar dos alamos da Morte,

Quando murchar o lotus e o nelumbo  
Do amor, terás a prata na cabeça  
E sentirás as palpebras de chumbo.

CÉO

Mortal, embora na existencia abranjas  
Muitos annos, dezenase dezenas  
De sóes, na terra onde lograste apenas  
Descobrir-lhe essa fôrma das laranjas;

Embora os dentes em delirios ranjas,  
Ficará entre preces e novenas  
O egregio Artista d'essa egregia Athenas,  
O Céu, do Céu nas encantadas franjas.

Não sobe á altura o fumo das blasphemias,  
O desespero tetrico e nefando  
Das almas tristes, da desgraça gemeas.

No Azul jamais se escutará teu grito!  
Viverás qual um bebedo gritando  
Á porta de um convento de granito.

SECCA

Tanto tempo em que a paz, a paz medonha  
Nestes sepulchros solitarios erra  
Faz pensar a quem vive preso á Terra  
Que o Rei da altura nas alturas sonha.

Venha em furias a guerra, mas a guerra  
D'agua, que o chão de outro matiz enfronha ;  
Caiam chuvas e chuvas, o Borgonha  
Que vem do azul embebedar a serra.

Sentido ! escuto ao longe num bivaque.  
Ordens revoam pelo acampamento,  
As nuvens formam pelotões de ataque.

Vibram ao vento as rispidas trombetas...  
Ahi vem o Inverno pelo firmamento,  
Traz os trovões troando nas carretas.

CANARIO

Quem, tão cruel e barbaro encarcera  
Na gaiola a oscillar no tombadilho  
Este mavioso passarinho, filho  
Das maviosas manhãs de primavera?

Loiro, do loiro rutilo do milho,  
Volitava cantando de hera em hera  
E hoje lhe resta a pequenina esfera  
Da gaiola de arame e de junquilha...

Outro, não tu, meu coração nefario,  
Revoltado murmure compungido  
Pelo soffrer do misero canario.

De um crime igual és victima, Senhora,  
Conduzo preso um passaro no ouvido:  
— A tua voz, a tua voz sonora!

REPRESALIA

Neste recinto azul, neste loiro torneio  
Onde o olhar é uma flecha, onde o gesto é uma espada,  
Trouxe apenas da Rima a panoplia encantada  
E nas mãos trescalando a flor do galanteio.

E mal chego e não era ainda a batalha em meio  
Vos encontro, Senhora, e em cada olhar e em cada  
Gesto vosso eu senti minh'alma trespassada,  
Do vosso olhar a flecha embebeu-se em meu seio.

Da traição mais cruel, mais cruel que a calumnia  
Fui victima e sabeis que ha tambem o castigo :  
A traição, a vingança inexoravel pune-a.

E agora em desafio, ó tentadora minha,  
Se não tendes um par ides dançar commigo  
O bailado ancestral Lanceiros da Rainha.



NO BAILE

A garra de panthera, a garra fina e adunca  
Do amor que me allucina e segue passo a passo,  
Senti quando enlacei meu braço em vosso braço  
Neste bello salão que de flores se junca.

Nunca em vida senti tanto delirio, nunca...  
E se o vosso perfil por esquecer-me faço,  
Mais o tenho na mente e é tal meu embaraço  
Que a emoção na garganta a minha phrase trunca.

Uma syllaba, um gesto, um limpido sorriso  
Abre em flor o caminho asperrimo que piso  
Guia ao porto o batel que oscilla de onda em onda...

Vão rolando em seu rosto as perolas do pranto,  
E eu contemplo-a de pé, tristonhamente, emquanto  
Chora o piano em surdina um trecho da Gioconda.

LUA

Quando triste e nostálgica appareces  
Do firmamento nas sombrias dunas,  
Aclarando as nymphéas nas lagunas,  
Doirando o prado, estrellejando as messes,

Os corações de anceios intumeces,  
As velas brancas da Chimera enfunas;  
Lembras assim alvissimas escunas,  
Loiras virgens somnambulas em preces.

O que conserva ainda a alegria á face  
E a bandeira do riso ao labio arvora,  
Lua, compara-te á manhã que nasce.

O desgraçado, de sorriso exangue,  
Poderá ainda comparar-te á aurora,  
Mas a uma aurora boreal de sangue.





## VELHICE

No teu lenço essas lagrimas enxuga  
E os suores frios da Velhice ingrata.  
Ahi vem bramindo o temporal na mata,  
Vão da Alegria os passaros em fuga.

Sentes no rosto uma primeira ruga,  
Procellária da Morte intemerata;  
E ahi vem a Dor que as vidas arrebatá  
Na volupia infernal da sanguessuga.

Da Mocidade o passarinho implume  
Partio do Sol ao derradeiro lume  
No ninho antigo sem deixar pennugem.

Profana o trigo a bocca dos onagros  
Do Tédio e tristes, pelo campo, os magros  
Bois da Saudade tristemente mujem...

## SUPREMA PRECE

Eu, que do inferno nas torturas ardo  
E tenho o corpo nas geleiras hirto,  
Eu, que entre maguas rindo me divirto  
Do Amor sentindo as garras de leopardo,

Vejo o teu rosto engrinaldado em myrto  
E imploro ao Céu que abandonando o fardo  
Da Vida, eu ouça á tua voz que o nardo  
Perfuma, o som que eu tanto quiz ouvir-t'o.

Porque possues na tua voz de tanta  
Doçura, o som que os Lazaros levanta,  
Á eterna Paz aos corações enfermos.

Que essa voz ao cahir sobre o meu peito  
Possa no morto produzir o effeito  
De um luar de topazio sobre os ermos.



VIUVA

É talvez a mais triste das viúvas :  
Na outr'ora alegre e limpida pupilla  
O Setubal das lagrimas scintilla,  
Vinho adoravel das mais finas uvas.

Conduz calçadas no grilhão das luvas  
As mãos de opala e transparente argilla,  
Occulta a face pallida e tranquilla  
No véo, neblina das manhãs de chuvas.

Essa alegria passara dos noivos  
Foi-lhe tão breve, tão fugaz, tão pouca,  
Morreu-lhe a crença amortalhada em goivos.

A uoite n'alma, a noite na madeixa  
Beijando a espadua em caracões e á bocca  
O Stradivarius tremulo da queixa.

VESPERAL

Erma tarde lithurgica em declinio...  
Ha no espaço uma extranha barcarola  
E o cadaver do Sol em nuvens róla,  
O apunhalado principe sanguineo.

Que na terra haja o lucto, haja o assassinio!  
Mas ao crente amedronta e desconsoa  
O crime junto aos céos, junto á corolla  
Das estrellas — as rosas de aluminio.

Logo depois que aos marmores vetustos  
Desças, ó Noite, do pezar, dos sustos,  
Depois que as azas de albatroz envergues,

Ha de a Lua surgir pallida e etherea,  
A Lua, a triste lampada siderea,  
O sorriso do azul para os albergues.

PALADINOS VENCIDOS

Os atletas do Amor, os legionarios da Arte  
Que avançam pelo mundo em mysticismo e threnos,  
Em vão idealizando, ora os braços de Venus,  
Ora a força e o esplendor dos guerreiros de Marte;

Que têm no coração um lábaro, o estandarte  
Sublime que os conduz em magicos acenos,  
Para o Ideal vão a rir, tal contra os sarracenos  
Christãos de lança em punho, espada e talabarte.

E ao sentirem nos pés os hispidos espinhos  
Assentam-se a chorar na margem dos caminhos  
Emquanto a noute cae no deserto medonho.

Jorram sobre a ferida o balsamo da estrophe,  
Vendo a Crença por terra, a loira Malakoff,  
Vendo em chammas a azul, Sebastopol do Sonho!...



O' DAS LEMBRANÇAS...

O' das lembranças passaros que outr'ora  
Eu tanto amava os trinulos amigos,  
Viestes á messe arrebatat-me os trigos,  
Deixae-me em paz, eu não vos quero agora.

Sou como o velho lavrador, que embora  
Idolatrando a musica, os perigos  
Teme de ver o figueiral sem figos,  
Sem linho o berço onde seu filho chora.

Em vez das arias garrulantes e hymnos,  
Prefiro á tarde o badalar dos sinos,  
Os mochos melancolicos prefiro,

O' das lembranças passaros amados,  
Outr'ora e hoje um por um despedaçados,  
Despedaçados um por um a tiro.





DEPOIS DE MORTA

Derramava a sorrir a estrella d'Alva  
Raios de luz pela amplidão siderea,  
Quando ella veio vaporosa e aerea  
Entre perfumes de violeta e malva.

Eu que a julgava para sempre salva  
Da amargura, do mundo e da miseria,  
Notei na sua pallidez funerea  
A grande Dor que os corações escalva.

— Fallam que o Amor é uma paixão sublime,  
Disse. Eu amei, lacera-me a Saudade,  
No ethereo mundo ter Saudade é crime...

Com os meus olhares tristemente afago-a,  
E o pranto algente fulgurando invade  
O seu rosto, a Veronica da Magua.

NOME

Chamas-te um loiro e imaginario poema...  
Da primavera na risonha phase,  
Ouvi teu nome de velludo e gaze  
Da patativa na canção suprema.

Para o exprimir não é bastante o schema  
Do oiro do verso e do crystal da phrase,  
Ser patativa é necessario quasi,  
Voz, a não ser de passaro, blasphema.

Para o escrever, a lua e os passarinhos  
Bordem de luz e sons do Paraiso  
A talagarça verde dos caminhos.

Tintas, o arco-iris poderia dal-as...  
Para o estampar aqui, fôra preciso  
Alphabeto de perolas e opalas.



UHLANOS

## OYCLISTA

Veloz, serena, pedalando ao embalo  
Das molas de aço a célere cyclista  
Passa e deslumbra quem na rua assista  
A carreira do aligero cavallo.

E que desejos de seguir-lhe a pista  
De tanta graça e seducção vassallo ;  
A fina roda fulgurando um halo  
De oiro descreve que encandeia a vista.

Erecta e firme, sem perder o aprumo,  
Deixando o asphalto segue um novo rumo,  
Pandas, em concha, as dobras do vestido...

Demanda o campo em doida desfilada,  
Andorinha que vôa arrebatada  
Por duas azas de metal polido.

DEPOIS DA AUSENCIA

Vejo de novo o olhar piedoso e justo  
D'essa dos olhos negros de azeitona  
E a nymphéa do amor de novo á tona  
Sobe ao clarão d'esse luar augusto.

Do mais bello dos idolos o busto  
Eil-o cheirando a myrto e a mangerona;  
Velho ourives que a perola abandona  
De novo a encontro e no palladio a incrusto.

Vejo-a, e no ardente coração recordo  
Uma canção nostalgica de bordo,  
Emquanto a lua pelo azul se perde..

Sons que ouvidos artisticos commovem,  
Sonatas de Bellini e de Beethoven,  
Symphonias harmonicas de Verdi.





## MYSTERIOSA

A tristeza hybernal das hybernaes neblinas  
Sinto no seu andar de visão da Allemanha;  
Quem a vê julga ouvir por essa bocca extranha  
O gemer sepulchral das flebeis casuarinas.

Pelas mãos sideraes, por essas mãos tão finas,  
Alvas mãos de tecer alvas tramas de aranha,  
Pelo collo a emergir da renda e da bretanha,  
Supponho-a a castellã de algum castello em ruinas.

Para symbolisal-a a phantasia chega  
A evocar o perfil de uma pastora grega  
Scismando ao pôr do Sol num velho campo helleno.

Treme o vulto ao passar, como os juncos dos lagos...  
Olhos verdes, fataes, recordando os afagos  
Do mysterioso luar das balladas do Rheno.

NOS MONOLITHOS

A que no verso jalde celebriso  
E enche de estrellas os caminhos, quando  
Em torrentes de luz o olhar faiscando  
Passa e desfolha o bogari do riso,

Hei de em versos cantar e se preciso  
Fôr, ao leval-a os cherubins em bando,  
Eu, nos braços os pulsos de um Rolando,  
Entrarei nos humbraes do Paraiso.

E se a esse vulto vaporoso a face  
Nunca mais visse como vejo agora,  
Como os outros que vão, se eu não voltasse,

Seu nome ficaria em sete cores  
No meu Verso — pyramide sonora,  
Monolitho de passaros e flores.



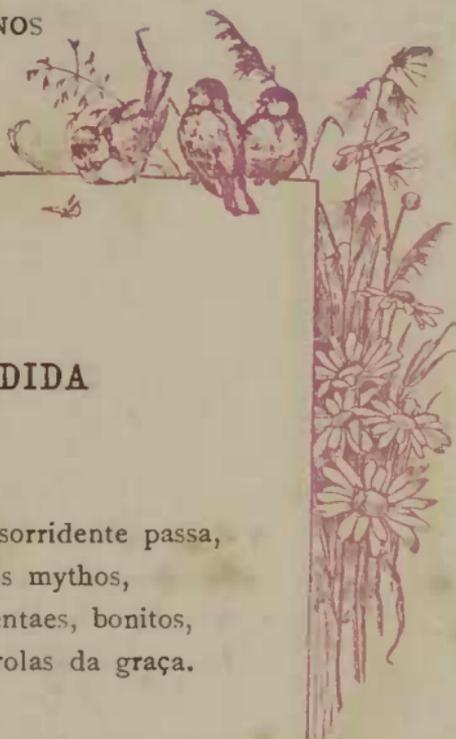
## MISS MARY

Perfil de estatua a derramar nos ares  
O perfume subtil do chrysantemo;  
Monta a cavallo, faz prodigio ao remo,  
Destra e viril nos jogos malabares.

Braços para nas luctas singulares  
Vencer o Amor, esse Hercules supremo;  
No tiro ao alvo é de um rigor extremo,  
Força que evoca a dos antigos pares.

Certa vez num sorriso aureo e bonito  
Fallou-me: ouvira a um moço cavalheiro  
Que eu era um fino «sportman» perito.

Da loira *miss* ao dito alegre opponho:  
Eu apenas no *sport* sou bateleiro  
Da luminosa gondola do Sonho.



## ESPLENDIDA

Quando triunphante e sorridente passa,  
Deusa pagã de fabulosos mythos,  
Traz como adornos orientaes, bonitos,  
O oiro do riso e as perolas da graça.

Ha doçuras, dolencias e delictos  
Nos seus olhos de um rutilo sem jaça ;  
Do amor a vespa em torno freme e esvoaça  
E um perfume de rosa e de eucalyptus.

Como fagulhas de Arequipas e Heclas  
Salta, esfusia a gargalhada franca,  
Se fere ao piano da Alegria as teclas.

Em mim desperta as sanguinarias hordas  
Dos desejos pagãos e á lyra arranca  
A alta e sonora vibração das cordas !...

AÏDA

Ouço um rumor, um farfalhar de seda,  
Brando rumor de passaros em susto,  
Quando ella pisa a flórida alameda,  
Loira, ostentando o seu perfil venusto.

Nos brilhantes e perolas de custo  
O Sol chispando em fogo e labareda;  
Flores perfumam-lhe o caminho augusto  
E vê-se a turba delirante e queda.

Pés sobre a areia rapidos, em trinços,  
Fingem canarios a comer painços,  
Pombas em festas nos trigaes e joios...

Voz que me enleia, voz que me arrebatá  
Ao céu azul em gondola de prata,  
Sonora voz de cytharas e arroios...

TRIUMPHANTE

Passa loira e gentil toda de branco,  
Aos pés dois borzeguins de aureos lavores,  
Borzeguins que são aves e são flores,  
Laços de fitas pálpitas ao flanco.

Olhar azul, deslumbrador e franco,  
Céos que entontecem rapidos condores  
E de onde escorrem prantos de amargores,  
Prantos que a beijos com fervor estanco.

Carne que sob o alvor da saia curta  
Ondula e aroma em derredores lança  
Qual um ramo florífero de murta.

Labios das virgens candidas de Rubens  
Na apotheose de um arco de alliança  
Sobre o crystal finissimo das nuvens!

CHLORIS



Alva, entre pompas de brocado e renda,  
Febris e arfando em musicas os seios,  
Seduz no andar de magicos floreios  
E é a mais custosa e encantadora prenda.

Paixão que a rir nos corações accenda  
Leva os mortaes em tremulos anceios  
Pelos caminhos de alleuias cheios,  
Ao Céu, paiz de luminosa lenda.

Mundos de neve e pedraria ao collo:  
A neve em torno e um rubro e pequenino  
Coral, trememente a scintillar no pólo.

Braço, rebento de aromal roseira,  
Feroz serpente, barbaro assassino  
No grillhão flammejante da pulseira.

PARAGUAYA

Qual a vergonça tremula do mangue  
D'entre a lama se eleva alviçareira,  
Assim teu vulto, alegre aventureira,  
Elevou-se de um pantano de sangue.

Calma, serena, pensativa e languê  
Lembras do rio na alvacenta esteira  
As naus, de cordilheira em cordilheira  
Um povo exausto, derrotado e exangue.

Nos teus lábios nem preces, nem gemidos  
Pelos irmãos que a colera do raio  
No chão deitou de subito feridos...

Recordas luctas e carnificinas:  
Carnificinas trágicas de Maio,  
Luctas febris em Lomas Valentinas.



## HESPANHOLA

A alegria da Hespanha, o Sol e o clima  
Vieram contigo atravessando os mares.  
Fallas : soluça a voz do Manzanares  
Pela garganta de alabastro acima.

Mão, que esses dedos tremulos comprima,  
Esses dedos subtis, peninsulares,  
Cheirando fica ao aroma dos pomares  
Pela estação da esplendida vindima.

Atravez do sorriso e da risada  
O sangue canta, o sangue que ensanguenta  
O colyseu depois de uma tourada.

Loiro cabelo, rutila dragona  
Da que no olhar dois batalhões ostenta  
Armados com as espadas de Bayonna.

PRUSSIANA

Olhos azues, do bello azul da Prussia,  
Onde a voluptia como sóes lampeja,  
Labios rubros, do rubro da cereja,  
Eil-a, a formosa e tentadora Lucia.

Inda habitar o seu paiz deseja,  
Toda envolvida em cálida pellucia,  
Lá junto ás terras boreaes da Russia  
Onde sonoro o Baltico espumeja...

Linhas soberbas, onduladas, francas,  
Lembrando a forma, a correcção das ancas,  
O vulto airoso de um corcel da Uckrania.

Alma exilada que a chorar aneia  
Erma de bellas illusões e cheia  
De saudades da fria Pomerania.



## ITALIANA

Meiga no amor, feroz na represalia:  
No floreo corpo aristocrata e fino  
Corre-lhe um sangue olente e purpurino  
De cravo rubro, de papoula e dhalia.

Pensa, a alegria docemente embale-a,  
Sinta ás faces o pranto crystalino,  
Nas vertigens da altura do Apennino,  
Nos verdes plainos da longinqua Italia.

Em loira queda, em rutilancias flavas,  
Finge o cabelo a lhe tombar do craneo  
Vesuvio abaixo as incendidas lavas.

Ouve-se ao vel-a, o solitario e rouco  
Chorar das ondas do Mediterraneo  
E as blasphemias do rigido Sirocco!...

POLACOA

Ave errante da frigida Polonia,  
Abrindo as azas para um céu que illude  
Te elevaste a uma amplissima altitude  
A paz deixando de feliz camponia.

Hoje os phantasmas tragicos da insomnia  
Te perseguem e a sombra da Virtude,  
E soluças em threnos de alaude  
Nos salgueiros da antiga Babylonia.

Lembras alvuras limpidas de steppes  
De onde, parece, os manes dos polacos  
Rompem da morte os tenebrosos crepes.

E Sobieski retoma a espada e brande-a  
Contra o furor dos barbaros cosacos,  
Contra os ursos dos gelos da Finlandia!...

PAISAGENS DA CARNE



O teu corpo lyrial, do alvor de Setestrello,  
É uma verde floresta em cuja sombra e solo  
Passam deusas pagãs de aljava a tiracollo,  
Ha rouxinões de aroma em teu loiro cabelo.

Muita vez sob a acção de infernal pesadelo  
Se transforma o teu vulto em paisagens do polo  
E cuido ver na alvura hybernal do teu collo  
A refacção do luar nas montanhas de gelo.

E na alucinação de apaixonado creio  
Ver dois ursos, do Sol aos mortiços lampejos,  
Dois ursos de rubis nos botões do teu seio.

E do gelo polar entre as pratas e espelhos  
Vejo ao longe os viris esquimaus dos meus beijos  
Lança em punho, em caçada a esses ursos vermelhos...

SANGUE

Relincha e corre tenebroso como  
Alta noite um bucephalo sem peias  
Este corcel que me intumece as veias,  
Que anda em mim qual em rutilo hippodromo.

— Cavalleiro que o montas e no assomo  
Da raiva passas e em furor passeias,  
Que buscas nestas sáfaras areias?  
— Sou da Ventura e da Desgraça o pomo.

Dou-te a Alegria e te mergulho em prantos,  
D. Juan de fogo, em threnos de alaúde  
Na alma te insufla os morbidos quebrantos.

Dando-te o Goso trago-te o flagicio  
E acorrento o demonio da Virtude  
Aos pés do eterno S. Miguel do Vicio.



RIO DE LAGRIMAS



Vem dos Alpes Azues, nasce nas cordilheiras  
Do craneo essa caudal de Amor e Sofrimento;  
Nessas aguas de luz e perolas, sedento,  
Eu bebi a Alegria e as torturas primeiras.

E esse rio escutou canções de lavadeiras  
Lavando a roupa ao Sol, abrindo a roupa ao vento  
E desceu a correr e a fugir lento e lento  
Para os lyrios abrir dessas roxas olheiras...

E emergiu desse olhar no aqueducto risonho  
Sob a ponte immortal das curvas sobranceiras  
E avistar do passado as paisagens, supponho.

Quero ver-te chorar molles prantos macios...  
Ah! parece-me ouvir pelas tardes vermelhas  
Na minha terra a voz das cascatas e rios.

BYZANTINOS







TURCA

Os zimbórios, os torreões, e as exquisitas  
Ruas e praças de Byzancio ufana  
Vejo em teu rosto, languida ottomana,  
E os sultões, e os pachás e as favoritas.

Eu, do Korão as paginas bemditas  
Leio na graça que de ti promana,  
Reso uma prece fervorosa e insana  
Dos teus olhos nas fulgidas mesquitas.

Teu amor, mar em furia onde os Leandros  
Morrem nas ondas que a lufada corta  
Sem que lhes valha ferreos escaphandros.

És da terra em que o Bosphoro murmura,  
E sendo orgulho da Sublime Porta  
És a porta sublime da loucura.

NAÏH

O pachá de Janina anda em scismares,  
Anda, que o amor o peito lhe confrange,  
Chora se avista a lucida phalange  
De astros, se avista um passaro nos ares.

Desde que viu essa que a lyra tange,  
Naïh, cantando em ruas e bazares,  
Sentio da moça aos languidos olhares  
Golpes febris de cimitarra e alfange.

Desde que viu essa que, lyra em punho,  
Cantava ideaes balladas delirantes  
A chorar e a sorrir em cada copla...

Era seu pranto o das manhãs de Junho  
E o sorriso o do Sol sobre os mirantes  
Da soberba e immortal Constantinopla.

VINGANÇA TURCA

Do amor por fim despedaçando os élos,  
O amor que tanto lhe abrazava a idéa,  
Quando Osman foi partir para a Criméa  
Deixando a amante, a flor dos Dardanellos.

Esta que outr'ora abraços e desvelos  
Dava-lhe e em beijos tinha uma epopéa,  
Clama e apostropha-o do alto da açotéa:  
« Hão de vingar-me as balas e os cutelos ! »

Quando na guerra os batalhões em linha  
Marcham de espada fóra da bainha,  
Á primeira explosão um homem tomba...

Osman, por entre a fumarada espessa  
Agonisa... Levara-lhe a cabeça  
Um pedaço flammivomo de bomba !

NO BOSPHORO

Sobre as aguas do Bosphoro o cahique  
Vôa, fugindo ás torres de um castello,  
E a moça a bordo em commodo escabello  
Deixa romper-se ás lagrimas o dique.

Que ha para que o pranto justifique  
D'essa dos olhos de ambar amarello?  
— É o amor o seu unico flagello,  
Ama um loiro fidalgo de Munich.

O remador febril o remo estuga,  
E a franzina senhora vae em fuga  
E exclama emquanto o seu batel galopa:

— Pera, Galata, Scútari, até breve!  
Adeus luar suavissimo de neve  
Que illuminaes a perola da Europa.

RÊVERIE

Desce a noite romantica e serena.  
Do Sol no poente os ultimos floretes  
Resvalam sobre os plumbeos capacetes  
Das mesquitas da patria sarracena.

Tarde de estio branca de açucena.  
À janella dos altos minaretes  
— Braços de estatua em caros braceletes —  
Scisma a Sultana languida e morena.

Scisma talvez na sanguinaria razzia  
Do sanguinoso chefe mameluco  
Que a trouxe um dia das montanhas da Asia.

Os olhos fecha e quando os olhos abre  
Treme ao fitar do pavoroso eunucho  
O olhar frio de lamina de sabre.



MUEZZIN

A pino o Sol ou quando o Sol no poente  
Morre do Céu no esplendido Calvario,  
Vel-o-has na torre, o triste octogenario,  
Sino vivo das terras do Crescente.

Cego, o cheic senil, completamente  
Cego, para não ver no relicario  
Do lar visinho o vulto extraordinario  
De um seio nú, de perola nitente...

Christão! se um dia o sino humano ouvires  
Tu ficarás na mesma crença immerso  
Que vae n'alma do povo e dos vizires.

Terás então de duvidas um mixto:  
Seria Allah o Deus pae do Universo?  
Mahomet seria o verdadeiro Christo?

MIL E UMA NOITES

Sobre o coxim de martha zibellina  
A mais loira, a mais languida odalisca  
E o terceiro Murad. Fóra chuvisca  
Á luz da Lua pallida e ambarina

No tecto eburneo a lampada faisca...  
O Grão Senhor a fronte ao collo inclina  
Da moça e a moça em tremula surdina  
Conta as lendas da flammula mourisca :

— Eram cem mil christãos, quasi infinitos,  
Vendo os nossos em coleras e gritos  
Surgir na cathedral Santa Sophia.

Fulgem nos ares o yatagan e a adaga...  
— A pouco e pouco a lampada se apaga,  
Docemente a offegar Murad dormia.





MAZURKAS





CABELLOS NEGROS

Cabellos negros, em cacho  
E caprichosos relevos,  
Tendo um perfume que eu acho  
Só nas baunilhas e trevos.

Polidos como retrozes,  
De um negror profundo, austero,  
Como as desgraças atrozes  
E os pesadelos de Nero.

Nem aloirados, nem flavos,  
Nem da cor castanha e dubia,  
Mas d'essa cor dos escravos  
Da Guiné, Congo e da Nubia.

MAZURKAS

Golpho tremendo onde a vaga  
Se eleva em furias e harpejos,  
Onde navega e naufraga  
O "yacht" azul dos meus beijos.

Quando um jasmim e uma rosa  
Nesses cabellos diviso,  
Diviso em noite invernosa  
Num brilho frouxo, indeciso,

Por entre as nuvens e pela  
Altura em que o céu pompeia  
O alvo jasmim de uma estrella  
E a rosa da Lua Cheia.

Quem ha tão triste que ao vel-os  
Não fique em festas a rir-se?  
Cabellos, lindos cabellos  
De Fornarina e de Circe.

ALMAS ENFERMAS

Maior que todas supponho  
A desgraçada epopéa  
Dos miseraveis do Sonho,  
Dos torturados da Idéa.

Almas que vão pelos ermos,  
Pelas florestas do Tédio,  
Buscando aos peitos enfermos  
Na grande Dor o remedio.

Olhai os filhos do pranto  
Na vida cheia de escolhos :  
Trazem poeira no manto,  
Trazem poentes nos olhos.

Almas que em floreatos caminhos  
Ou fundas lapas esconsas  
Ouvem rugidos nos ninhos,  
Cantos nos uivos das onças.

Entoam hymnos á tumba  
Onde a miseria não médra,  
Cantam se a vaga retumba,  
Acham perfumes na pedra.

A Forma rutila em febre  
Buscam por força domal-a,  
Para que o Verso celebre  
A Dor que o labio não falla.

Entregam todas ao saque  
As illusões de outras éras,  
Tanto sorrindo ao ataque  
Dos homens como ao das fêras.

Dos seus Males a cohorte  
Talvez que um dia comprehenda  
A multidão, quando a Morte  
Arrebatal-as á tenda!

SALVE, RAINHA!

Para engastar no meu verso  
Essa que á gloria me anima,  
Fico em delirios immerso  
Ante os bazares da rima.

Nem contemplar eu mereço  
Esse vulto egregio e augusto  
Que reclama todo o apreço  
Como as baixellas de custo.

Seus olhos de um brilho incerto,  
Dois astros, dois azeviches,  
Fazem lembrar num deserto  
Dois pelotões de derviches,

Pistola pendida á ilharga,  
Ao punho o recurvo alfange,  
Febris, valentes, em carga,  
Sobre a inimiga phalange.

Belleza intensa de um fóco  
De luz que esplende e irradia,  
Alma que em sonhos evóco,  
Princeza da louçania.

Se a vejo formosa e langue  
Da garridice no assomo  
Sinto o *curare* no sangue,  
Sinto os venenos do bromo.

Sua imagem se reflecte  
No meu coração ancioso,  
Como esplendida «toilette»  
Num «biseauté» primoroso.

MAZURKAS

Divina irmã das bromélias,  
Conduz após, quando passa,  
Meus desejos como Ophélias  
Na correnteza da graça.

Que este amor eu forte esconda  
Num lugar nunca sonhado,  
Que o diamante de Golconda  
Fulgura mesmo enterrado.

A rubra cor dos morangos  
Canta-lhe á bocca em sorrisos  
Mil cançonetas e tangos  
Com castanholas e guisos.

OLHOS YANKEES

Olhos de sonhos e idylios,  
Azuleos olhos yankees  
D'entre a penumbra dos cilios  
Como dois cysnes nos tanques,

Nos vossos brilhos e affagos,  
Brilhos de espelho e luares,  
Vejo o paiz onde os lagos  
Têm a imponencia dos mares.

Ouçõ a canção solitaria  
Para que as maguas dissipe  
De pescador, triste pária  
Das margens do Mississipe.

MAZURKAS

Lantejoulados de estrellas,  
Fulgindo como dois astros,  
Sois como as flammulas pelas  
Agudas pontas dos mastros.

Palpebra langue e nevada  
Do mysticismo no arroubo,  
— Uma Aguia branca pousada  
Na superficie do Globo.

Ao emblema se assemelha  
De um povo arrogante e forte;  
Olhos, bandeira vermelha  
E branca e azulea do Norte,

Onde os pinheiros murmuram  
Ao soprar das brisas mansas  
E as alvas pedras fulguram  
Nas aguas frias do Arkansas;



MAZURKAS



Onde ao Sol e á luz da lua  
Triste o Niagára descanta  
E a multidão tumultua  
Nas bellas praças de Atlanta.

Olhos de sonhos e idyllos,  
Olhos de idyllos e sonhos,  
Pombos no ninho dos cilijs,  
Doces Ontarios risonhos!...

LENDA AZUL

Assomas gárrula e leve  
No macadam do passeio  
Qual um passaro de neve  
Num suavissimo gorgείο.

Olhar que em voluptias arde,  
Templo sereno e risonho  
De onde apparecem á tarde  
As andorinhas do Sonho.

Senhora, tu que me aturdes,  
Julgo-te pela apparencia,  
Lyrio da divina essencia,  
Nossa Senhora de Lourdes.

MAZURKAS



Rosa vermelha ao fastigio  
Do penteado bizarro,  
— Pomposo barrete phrygio,  
— Bella papoula num jarro.

Gestos nem doces, nem bruscos,  
Contornos brandos e esquivos,  
Lembrando os vasos etruscos,  
Lembrando os vasos argivos.

E's como as manhãs de rosas,  
De encantadas cavatinas,  
Como as tardes vaporosas  
De vaporosas surdinas.

Recordas, formosa diva,  
A lenda que tenho esparsa  
No peito, a historia afflictiva  
De um peixe azul e uma garça :

MAZURKAS

— Sob uma tarde fagueira,  
Pelos calores do estio,  
Pousava a garça altaneira  
Na cannarana do rio.

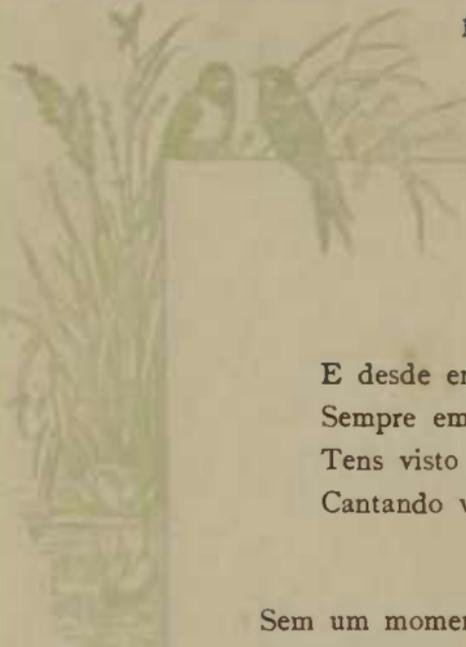
Eis que na vaga apparece  
Um peixe azul, de saphira,  
Movendo a cauda num S...  
A garça branca delira...

Senhora, como contar-te  
Historia assim? Aqui fico...  
Não ha palavra nem arte  
Para dizer-te que o bico

Da garça branca em pedaços  
Fez o peixinho innocente  
E, satisfeita, os espaços  
Cortou no rumo do poente...



MAZURKAS



E desde então, vida em fóra,  
Sempre em amarguras novas  
Tens visto um louco, Senhora,  
Cantando versos e trovas,

Sem um momento de calma,  
Em desesperos e luctas...  
— O peixe azul é minh'alma,  
A garça... és tu que me escutas.



VOZES DO NADA



VOZES DO NADA

Existia no rol dos mortaes um de menos ;  
E o Eterno' procurando a esse mal um remedio,  
Elle, o terror dos maus, o amparo dos pequenos,  
Quiz deitar mais um ente aos temporaes do Tedio

Lança mão da materia, a primorosa argilla  
De onde veio Beatriz, a tortura do Dante,  
De onde o sapo emergiu, de onde veio o gorilla  
E o passaro que vôa e o pesado elephante.

Mas a argilla estremece e pela vez primeira  
Um protesto se ouviu rouco a sahir da terra :  
— Vens buscar mais alguém para atirar na feira  
Do mundo, mais alguém para morrer na guerra ?



De que serve viver, de que serve ser vivo,  
Para a morte soffrer, para andar em revolta,  
Se a materia de que eu do meu seio me privo  
Novamente ao meu seio abandonado volta?

Se ao lado da ventura anda sempre a desgraça,  
Se o destino interpõe inexoravel, rudo,  
Contra a noite o clarão, contra a bala a couraça,  
Contra o gume do alfange o bronze de um escudo?

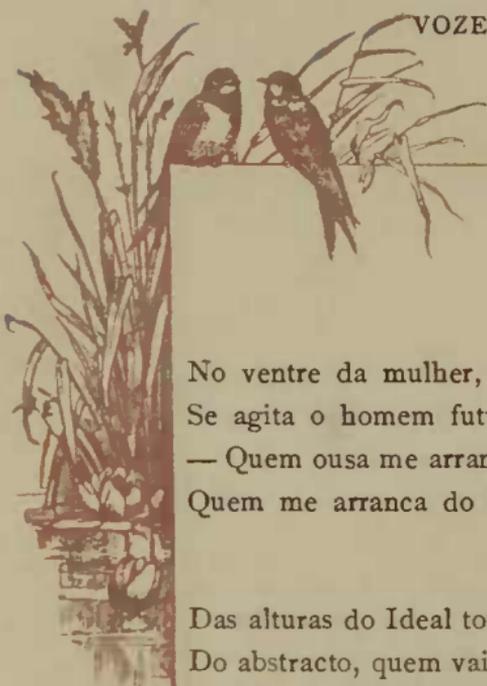
Não tiraste do Nada o mundo, não tiraste  
Da treva tantos sóes que os regatos consomem?  
Para haver a mulher, ironico contraste,  
Foi preciso tiral-a á costella de um homem...

Anda a lucta feroz por todo o globo esparsa,  
Por tudo superpondo abysmo sobre abysmo;  
A verdade é mentira, a justiça uma farça,  
A razão tem a bocca atacada de trismo...

Vens buscar o metal para forjar as grades  
Das prisões onde têm de gemer os culpados?  
As azas para o Amor vencer as tempestades?  
Chaves para os grilhões de inermes condenados?

Sendo assim o meu peito, as minhas carnes abre  
E retira a porção que te for necessária;  
Marca um limite ao rei, marca um limite ao sabre,  
Azorraga inclemente a estupidez nefaria...

Deus á terra ouve a queixa entrecortada e séria  
Qual se ouvira o rolar de um rutilo asteroide;  
Ergue aos ares sorrindo um pouco de materia  
E no óvulo a transforma e no espermatozoide...



No ventre da mulher, da sucessora de Eva,  
Se agita o homem futuro em revolta iracunda :  
— Quem ousa me arrancar á escuridão e á treva,  
Quem me arranca do Nada á carícia jocunda?

Das alturas do Ideal tombo em maguas no inferno,  
Do abstracto, quem vai conduzir-me ao concreto?  
Ninguém sabe nem sente a Dor que no materno  
Utero despedaça o coração do feto!

E hei de assim persistir nesta vida de morto,  
Umás vezes a rir, a chorar outras vezes?  
E que posso fazer que provoque um aborto?  
Seculo, para mim, constas de nove mezes...

— Progredir, progredir, diz-lhe uma voz vibrante,  
Tudo evolue no mundo, agita-se e caminha,  
Nunca retrogradar nem ficar hesitante,  
Nunca retroceder nem sequer uma linha.

— Ah! se eu fosse uma pedra, o feto em furia exclama,  
Se eu fosse um grão de areia, uma arvore cahida,  
Um atomo de cobre, uma poça de lama,  
Era bom repousar assim longe da vida.

E a voz : — Alguem fallou que na rocha não medra  
A Dor? Pois, infeliz, d'esta blasphemia ri-te!  
Não escutaste nunca o soluçar da pedra  
A's mãos do cavouqueiro e ao som do dynamite?

E a estatua de Menon que à luz do Sol nascente  
Lá no Egypto soluça e palpita e estremece?  
Bem vês: a pedra soffre, o rochedo é vivente,  
Pois que chora, descanta e se lamenta e cresce.

E a areia que se estorce e grita nos caminhos  
Sob os pés do viandante? E o simoun do deserto  
Que a arrebatá e a arremessa em grandes redemoinhos?  
A areia se lastima, ella vive de certo.





Desejas ser o cedro, o colosso gigante  
Cahido pelo vento ou seccura na terra?  
Acharias teu fim na fogueira flammante,  
O teu fim, desgraçado, acharias na serra.

Pois ha no mundo quem presenciado não tenha  
A tortura outonal das arvores ao vento?  
E a prece que se eleva ao rachador de lenha?  
E a resina a escorrer do machado cruento?

Atomo do metal, do vil metal que o pobre  
Lazarento possue, querias ser? Os hymnos  
Do bronze nunca ouviste? Entra no bronze o cobre,  
Soffre o bronze a clamar pela bocca dos sinos.

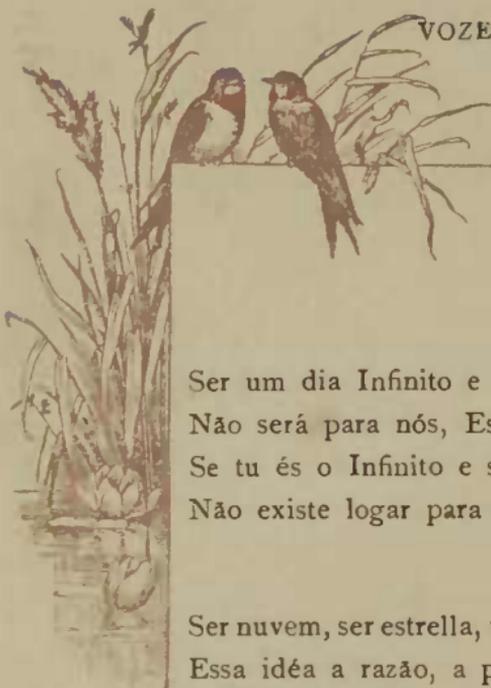
Lama querias ser? E nem te lembras que entre  
Os paúes andarás, andaste e andas ainda.  
Viste lama peor que a podridão de um ventre?  
És mais vil que o microbio, a bacteria é mais linda.

— Que me queres então, triste o feto murmura.  
— Serás homem, terás rubro sangue nas veias  
E Espirito viril que ha de elevar-te á Altura,  
E como tudo evolve, inclusive as areias

E as pedras, que tambem vão subindo na escala,  
A tua Alma talvez eu possa um dia vel-a  
No céo, talvez eu possa em nuvem transformal-a,  
Nalgum deus, nalgum santo ou talvez numa estrella.

— Triste consolação e recompensa inutil  
A quem vae supportar as furias do equinocio;  
Chorar, gemer de Dor por uma cousa futil:  
Abandonar o Tedio e trocal-o pelo Ocio.

Milhares de milhões de Espiritos na terra  
Lançaste para os ver em desespero e intrigas;  
E's o infante feliz vendo subir a uma serra  
Milhares de milhões de pequenas formigas.

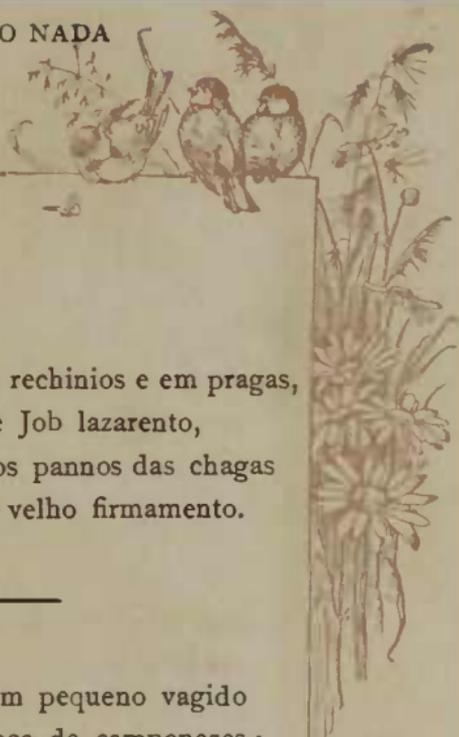


Ser um dia Infinito e attingir o Supremo,  
Não será para nós, Espiritos malditos,  
Se tu és o Infinito e se o Infinito é o extremo,  
Não existe logar para dois Infinitos.

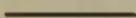
Ser nuvem, ser estrella, um santo, um grande orago?  
Essa idéa a razão, a propria luz combate-a...  
Lama eu sou, mas o céu é um pantanoso lago,  
Coaxam sapos de luz na luz da Via Lactea.

Quando o sol, rubro corvo, abre as azas espalmas  
Pondo nos altos céos luares de pratas foscas,  
Ouço nesse paúl onde os vibríões são almas  
Os moscardos em festa e os zumbidos das moscas.

Se Moysés, pobre criança encontrada no Nilo,  
Fosse um dia atirado a esse Nilo de lodo,  
Da Lua o formidando e feroz crocodilo  
Certamente o infeliz devoraria todo.



Ventanias que andaes em rechinios e em pragas,  
Enfermeiras do Azul, esse Job lazarento,  
As nuvens carregae — rotos pannos das chagas  
D'esse doente mortal — o velho firmamento.



Tempos depois ouvio-se um pequeno vagido  
Numa choça de bons, choça de camponezes :  
Era um lobo feroz entre ovelhas nascido,  
Um pequeno Caim, Nero de nove mezes.



EVANGELHO DE UM MAU





ALMA

Alma ! finge que és má, sendo assim como as pombas,  
Embora, sendo assim como as pombas tão mansa ;  
Apostropha a velhice e detesta a criança,  
Deseja ver a terra explodir como as bombas.

Affirma que alta noite em lupanares tombas  
Nessa orgia que o corpo em mil delirios cansa ;  
Elogia a desgraça, elogia a matança  
E applaude sobre o barco os vagalhões e as trombas.

Diz que a sede do sangue humano te consome  
E deseja aos que vão em procura de um Norte  
Os demonios do frio e os demonios da fome.

Alma ! atira no Azul o desprezo profundo.  
Pois que a tribu dos maus é tão grande e tão forte  
Que é preciso ser mau para ser bom no mundo !





POEMA DA VIDA

E a vida é assim, a vida é uma locanda  
Em cuja porta inutilmente estás;  
Sentes a Dor em trépanos e puas  
E ha quem lá dentro em jubilos se expanda.

Poeta! espedaça a fulgida opalanda  
Do Verso e occulta estas miserias tuas;  
Sóbe a uma torre e atira-te nas ruas,  
Sóbe... e depois faze a cabeça em banda.

Não terás quem de flores te alcatife  
O chão da campa e nem um pranto d'entre  
Tantos que vão te acompanhando o esquife.

É sempre alegre uma desgraça nova...  
E eis a vida afinal: surgir de um ventre  
E sepultar-se noutro ventre, a cova!

MORIBUNDO

Eis arquejando o desgraçado, vêde !  
Sim, porque considero uma desgraça  
Não morrer numa rua ou numa praça  
Para morrer estúpido na rede.

A febre ateia na garganta a sede,  
Sem que nos valha da ambrosia a taça ;  
Mortaes, a morte assim se esquece e passa,  
Persiste a morte desastrosa, crêde.

Viajando sinto um fremito, se ao lado  
Dos braços negros de uma cruz avisto :  
AQUI JAZ... em tal tempo ASSASSINADO.

Este haverá quem no porvir celebre...  
Quereis roubar a divindade ao Christo ?  
— Dizei ao mundo que morreu de febre.



## NA ILHA DO DIABO

Nem uma vela demandando o porto,  
A enseada d'este lugubre desterro;  
Tive na vida um grande crime, um erro:  
Ao mundo vim sem ter nascido morto.

Subindo ás vezes ao alcantil do serro  
Olho o horizonte e o firmamento, absorto,  
E busco a Morte, a França do conforto,  
Quero no mar me seja feito o enterro...

Tal escutei meu coração que em maguas  
Fundas, fallando á solidão das aguas,  
Fitava o oceano barbaro e iracundo...

— Dreyfus maldito que outros céos deixara,  
Que veio desterrado um dia para  
A Ilha do Diabo funebre do Mundo.

CAVEIRA

Foste em vida a cabeça de um palhaço:  
Tanto fizeste momos e caretas,  
Torceste a bocca em contracções facetas  
Que tens agora este sorrir devasso.

Arrancaram-te ao chão as picaretas  
Dos coveiros boçaes. Foi o cansaço  
Que te fez oscillar, cahir do espaço  
Onde dançavas como as carapetas?

Vasias vejo as orbitarias fossas...  
Perdão se alguma indiscrição commetto: (2  
— É de mofa o sorriso que ainda esboças?

Tens ainda inveja aos que á Loucura esgotam  
O calix? Tens saudades do esqueleto,  
Esse edificio de que foste o sótão?

## RELIGIÃO

O mar que brame sem cessar, de posse  
De toda a terra, é um misero doente :  
Expectorando pelo continente  
Lembra um milhão de tysicos em tosse.

A ave por mais que o seu gorgείο adoce,  
Beba no Sol, na lucida vertente,  
Terá no seio o grande mal vehemente,  
O proprio feto é um tysico precoce.

Has de buscar em desespero e anceios  
Alguem que te ame e encontrarás sem conto  
Em vez de Amor, tuberculos nos seios...

Cahirão por terra os virides renovos...  
Tuberculose! has de subir a ponto  
De ser a grande religião dos povos!

## BERIBERIOO

Vens a tremer, bamboleando as pernas  
Nuns estranhos e funebres minuets :  
Assim devem dançar os esqueletos  
Á noite, ao som das musicas eternas.

Vaes ás furnas esconsas, ás cavernas  
Da Morte, á patria dos sudarios pretos ?  
No Inferno ha pesadissimos carretos,  
Has de descer com o cantaro ás cisternas.

E como, se o teu passo é assim tão tardo,  
Has de subir ás serras escarpadas  
E de em teus hombros suspender um fardo ?

Passas e enquanto a morte não alcanças  
Verás sorrir, palhaço das calçadas,  
O rei Satan na bocca das crianças.



**HYMNO AO TETANO**

*que matou meu irmão*

Agonia do Tetano, martyrio  
Tenebroso que os musculos affectas,  
Agonia que os Hercules e atletas  
Vences, aos fortes accendendo um cirio,

O corpo em arco, em funebre delirio,  
Formas, e as vidas partem como settas  
Para o Ceo opalino dos prophetas  
— Jardim suspenso de amarantho e lirio.

Bella Agonia, um arco de violino  
Fazes do corpo, um arco heroico e fino  
Que as cordas vivas de nossa alma tembla.

Os meus olhos de lagrimas encharco...  
Vejo um barco partir, eu, velho barco,  
Preso ao gelo polar da Nova Zembla.

VELHO

Velho armazem de sonhos, ataude  
Vivo que a Morte abandonou de resto,  
Sejas embora caridoso e honesto  
Tens mais crimes na vida que virtude.

O que mais cedo morre, o que a saude  
Perde e na cova se recolhe presto,  
Foge do roubo, não pratica o incesto,  
Doma o peccado que domar não pude.

E procuras conter em vãos esforços  
Uma vida que as farpas dos remorsos  
Ha de cravar-te cruelmente aos flancos?

Morre na cama ou morre na batalha!  
Que a peor das mortalhas é a mortalha  
Viva e senil dos teus cabellos brancos.

A UM EBRIO MORTO

Ninguem mais do que tu a epopéa do Somno  
Gozou e conseguiu dormir noites e dias,  
Embriaguez immortal, tu somente farias  
O rei sonhar que é o povo e este sonhar que é o throno.

O vinho é o laço que une a primavera ao outono,  
As noites de verão ás noites de invernias ;  
Dão ao corpo cançado as bacchicas orgias,  
A volupia do Nada e o flaccido abandono.

A Morte, essa mulher de almos vestidos brancos,  
Ebrio, estendeu-te um dia o descarnado braço  
E levou-te a sorrir por infernaes barrancos.

Qual dos dois o mais ebrio e qual o mais devasso ?  
E sumiram-se além aos trambulhões e aos trancos  
Para a orgia sem fim nas adegas do Espaço.

## GUERRA

Alegria dos corvos ; alegria  
Das lanças, dos alfanges, das espadas,  
Tinges o chão dos sóes das madrugadas,  
Tinges o chão das purpuras do Dia.

Passam da Morte as soffregas rajadas,  
A dolorosa e extranha ventania,  
Patria, madrastra sanguinaria e fria,  
Levas teu filho ás scenas desgraçadas.

Patria, és o grande preconceito futil !  
Não ha fronteiras demarcando o mundo,  
A Guerra, a lucta que se trava é inutil.

Nascestes fraco ? — Servirás ao forte !  
E que a luz illumine o moribundo  
E o turbilhão dos bebedos da Morte.



## CORAÇÃO

Meu coração é um velho alpendre em cuja  
Sombra se escuta pela noite morta  
O som de um passo e o gonzo de uma porta  
Que a humidade dos tempos enferruja.

Quem vae passando pela estrada torta  
Que leva ao alpendre, d'essa estrada fuja!  
La só se encontra a funebre coruja  
E a Dor, que a prece ao caminhante exhorta.

Se um dia abrindo o casarão sombrio  
Um abrigo buscasses contra o frio  
E entrasses, doce creatura languê,

Fugirias tremente vendo a um lado  
A Crença morta, o Sonho estrangulado  
E o cadaver do Amor banhado em sangue!

AMOR

Amor, termo banal, vocabulo caduco,  
Palavra que não tem essa expressão que á louca  
E triste humanidade ouço vibrar na bocca  
Desde que me entendi, que os sentidos educo.

Para alguns o hydromel, das abelhas o succo  
Comparando com o Amor, tanta doçura é pouca ;  
Só não é para o filho uma palavra ôca  
E no labio materno e na bocca do eunucho,

O desejo que enerva, a torpide Luxuria,  
Que as fibras do mortal faz despertar em furia  
E depois o abandona entorpecido e langue,

Não será nunca o affecto encantador e eterno,  
O doce amor do filho, o doce amor materno,  
Será sempre o rugir da procella do sangue !



## SCEPTICO

Voltaireano feroz, atravez dos setenta  
Por desertos e por temporaes elle veio ;  
Esta vida infernal, para alguns um gorgoio,  
Foi-lhe um riso cruel de tragedia sangrenta.

Sobre a fronte o tufão e a rispida tormenta  
Desabaram febris, desabaram em cheio ;  
Elle ficou de pé, um carcomido esteio,  
Uma ruina senil numa noite nevoenta...

Tem no labio a tremer como prece a blasphemia,  
A alegria perdeu pela noite bohemia,  
Hoje é um velho Satan foragido na terra.

E assim todo a tremer e assim triste o dissereis  
Um louco, faz pensar nas arvores estereis,  
Tem o aspecto infeliz dos baleados na guerra.

JUDAS

Esse traidor e desgraçado antigo  
Que a multidão de torturar não cança,  
Vingando um Deus de bemaventurança,  
Deus que perdoa o acerrimo inimigo,

Longe talvez da sanha da vingança,  
Talvez galgasse o bonançoso abrigo  
Por uma escada livre de perigo,  
A Fé, a escada que no azul se lança.

E os seus algozes, mais crueis que o Judas,  
Esses crueis hão de encontral-o, scismo,  
Do Paraizo nas soleiras mudas,

Divino, a espada scintillante, em facho,  
Para os lançar no tenebroso abysmo,  
Para os deitar do firmamento abaixo.



## NOVEMBRO

O' romeiros que andaes a chorar pela cova  
Dos que foram dormir no silencio do Nada,  
Depondo sobre o morto uma lousa pesada,  
Levando ao desgraçado uma tortura nova,

Quando á noite ao luar uma sentida trova  
Passa um triste a cantar na solitaria estrada,  
Sae da terra uma voz que estertorando brada  
E que a vossa impiedade em soluços reprova.

E estas phrases então vibram pelo ar funereo :  
— Nossa carne a pastar um rebanho que aterra  
Sentimos. Essa ermida em meio ao cemiterio

É a zagala, a doçura em seu sorriso medra...  
Implorae pela paz dos que dormem na terra  
Onde pascem na Dor os carneiros de pedra.

VENTURA

A Ventura, nem sei onde a Ventura existe.  
A infancia interroguei e em vez do riso, o pranto  
Vi-lhe em bagas correr pelas faces. Portanto  
A existencia feliz na infancia não consiste.

Sedento, ao coração que taciturno e triste  
Estremece em meu peito interrogo, no entanto  
Escuto allucinado e com profundo espanto  
A Dor que me responde, a Dor que em mim persiste.

O velho interpellei de olhar sem brilho e turvo  
E o velho a soluçar de magua e desconforto:  
— A Dor deixou-me cego, a Dor deixou-me curvo.

Ao morto eu perguntei: Mas a Ventura dista  
Muitas leguas d'aqui? Não me responde o morto.  
— A Ventura talvez na sepultura exista!





## MORTO DE AMOR

Quem és tu cuja voz eu pelas trevas ouço,  
Que o morto coração nos teus cantos seduzes?  
Suspiras, rouxinol, numa selva de cruzes,  
Sol de Maio, sorris no chão de um calabouço.

Mulher, buscas um vivo e encontras um arcabouço  
De alguém que já morreu, de alguém que os arcabuzes  
Feriram no Waterloo de uma noite sem luzes  
E que foi ainda vivo atirado num poço.

O Amor, seja maldita esta loucura ingrata,  
Que abriu dentro em meu seio uma eterna ferida  
De onde o sangue irrompeu em rubra cataracta.

Mas, se essa pallidez que te vejo na face  
O meu sangue pedisse, eu daria ainda a vida  
Por ti, se houvesse alguém que a um defunto matasse!

ESCOMBROS

Fui feliz. Novo rei tive tambem um throno,  
Tive sceptro, diadema e magestade e orgulho;  
A turqueza do mar em timido marulho  
Espumava a meus pés, vinha embalar-me o somno.

Mas eu tive tambem o quatorze de Julho:  
— Rota a quilha no mar, despedaçado o embono,  
Foi a nau do meu Sonho em misero abandono,  
Soh as ondas fiquei qual um verme no entulho.

Eu, que outr'ora passava em rutilantes plaustros,  
Ouço agora a canção tristissima das aguas,  
— Velhas monjas cantando em taciturnos claustros.

Do meu Sonho só vejo uns tabidos escombros...  
Quem ousa me estender neste oceano de maguas  
O braço, quem me arranca este Himalaia aos hombros?



## REPROBO

A blasphemia feroz, o murmuro gemido  
Que da bocca me cahe neste meu longo exodo  
É de um vivo que jaz num sepulchro de lodo,  
É a dor de um soterrado, é a dor de um perseguido,

O Tedio e o Desespero eis o Universo todo!  
A criança que nasce é o futuro bandido,  
Num teclado só vejo o negro sustenido,  
Prefiro á Lamartine a voz de um visigodo.

Procurando fugir ás mulheres da terra  
Fiz idylios de amor á que nos ares erra  
Bella filha do Sol que nos ares fluctua...

Habitando no Céu, junto aos olhos do Christo  
Foi a Lua a melhor das amantes que hei visto,  
Ainda assim fez-me cego o vitriolo da Lua.

PARA NINIVE

— Este em que pisas na alegria immerso,  
Musa de soes e sonhos impollutos,  
Deixa e apregoa entre arvores de fructos  
Maus, o Evangelho rutilo do Verso.

Desce do azul o limpido universo  
E eu farei dos teus seculos — minutos,  
Sorrirás das gangrenas e escorbutos  
De que has de ver o teu caminho asperso.

Ondas de maguas, ondas de pezares  
Hão de surgir. Os rijos talhamares  
Terás, a quilha que este oceano corte.

Ha cerração e tenebra? É rompel-as...  
— E eu rebelde a embarcar para as estrellas  
E eu a embarcar no bergantim da Morte.



## DEPOIS DA GUERRA

Se esta mão, de cançada, o pavilhão do Verso  
Não poudes com vigor desfraldal-o no espaço,  
Nem traçou com firmeza estas linhas que traço,  
Nem brandiu destramente estas armas que terço.

Morte! envia-me o eterno, o pavoroso abraço,  
Da medalha da vida, aponta-me o reverso,  
Tu, que tens nesse olhar a luz de outro Universo  
E a corrente infernal de uma pilha no braço.

Ao desprezo do mundo, ao escarneo e ao vilipendio  
Eu prefiro rasgar a tunica celeste  
Da Vida e sem piedade atiral-a no incendio.

Que o Archimedes do Céu faça-te em cinzas, Musa,  
— Inutil casarão atacado de peste,  
— Esquadra do inimigo em frente a Syracuse!

FINIS

O ar sadio do amor a respirar num hausto,  
Ao contacto do Sol de um abrasado clima,  
Em vão lhe consagrei minha afeição e estima,  
Minha vida a seus pés, minh'alma em holocausto.

Sonhei para adornal-a o sonho azul de um Fausto :  
A ambição desmedida, uma riqueza opima,  
Derramar no meu verso o oiro fosco da rima...  
E senti-me depressa aniquilado e exausto.

Habita a humanidade uma prisão bizarra  
Onde ha gritos de dor e canções á guitarra,  
Suspira o coração num formidando assedio.

Muita vez tive os pés sobre o arminho e o graniso...  
Ha por isso em meu verso o colleiro do Riso  
E o voejar sepulchral do morcego do Tedio.



INDICE

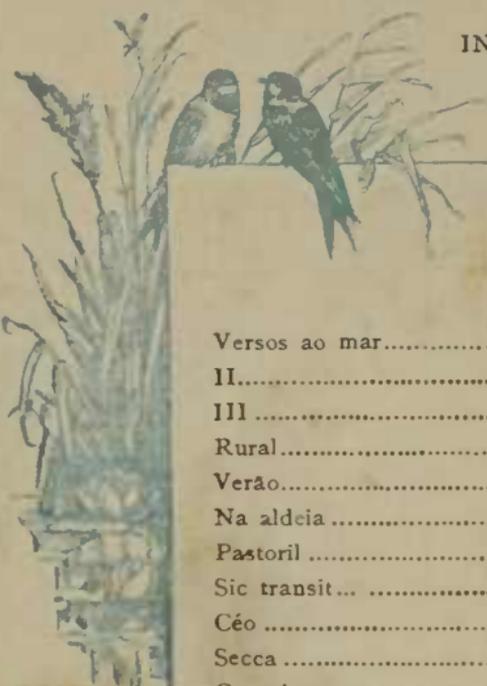
INDICE

UHLANOS

Nevrose.....	9
Tinta vermelha.....	10
Viagem ao sol.....	11
Artista.....	12
Volta.....	13
Bronze eterno.....	14
Sol.....	15
Poetas mortos.....	16
Fakir.....	17
Vida.....	18
Hysterica.....	19
Luctas.....	20
Amor de mysticismo.....	21
Querulo.....	22
Madrigal.....	23
Visita.....	24
Anniversario.....	25
Mystico.....	26
No palco.....	27
Chorando e rindo.....	28
Santa e pagã.....	29



## INDICE



Versos ao mar.....	30
II.....	31
III.....	32
Rural.....	33
Verão.....	34
Na aldeia.....	35
Pastoril.....	36
Sic transit... ..	37
Céo.....	38
Secca.....	39
Canario.....	40
Represalia.....	41
No baile.....	42
Lua.....	43
Velhice.....	44
Suprema prece.....	45
Viuva.....	46
Vesperal.....	47
Paladinos vencidos.....	48
O' das lembranças... ..	49
Depois de morta.....	50
Nome.....	51
Cyclista.....	52
Depois da ausencia.....	53
Mysteriosa.....	54
Nos monolithos.....	55
Miss Mary.....	56

## INDICE

Esplendida.....	57
Aïda .....	58
Triumphante .....	59
Chloris.....	60
Paraguayá.....	61
Hespanhola .....	62
Prussiana.....	63
Italiana .....	64
Polaca .....	65
Paisagens da carne.....	66
Sangue.....	67
Rio de lagrimas .....	68

### BYZANTINOS

Turca .....	71
Naiã.....	72
Vingança turca.....	73
No Bosphoro.....	74
Revêrie.....	75
Muezzin.....	76
Mil e uma noites.....	77

### MAZURKAS

Cabellos negros.....	81
Almas enfermas .....	83
Salve, rainha ! .....	85
Olhos yankees.....	88
Lenda azul .....	91



## INDICE

### VOZES DO NADA

Vozes do nada.....	97
--------------------	----

### EVANGELHO DE UM MAU

Alma.....	109
Poema da vida.....	110
Moribundo.....	111
Na Ilha do Diabo.....	112
Caveira .....	113
Religião.....	114
Berberico.....	115
Hymno ao tetano.....	116
Velho .....	117
A um ebrio morto.....	118
Guerra.....	119
Coração.....	120
Amor.....	121
Sceptico.....	122
Judas.....	123
Novembro.....	124
Ventura .....	125
Morto de amor.....	126
Escombros.....	127
Reprobo.....	128
Para Ninive.....	129
Depois da guerra.....	130
Finis.....	131









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).